

O conceito de Bem Viver na agenda da pesquisa no Brasil: um estudo historiográfico no período de 2017 a 2019

A lógica capitalista pressupõe a mercantilização da vida, da natureza e dos conceitos. Tanto que o próprio conceito de desenvolvimento e suas diferentes denominações: econômico, humano e sustentável, dentre outros, apresenta como limite essa lógica, uma vez que esses movimentos de teorizações trazem no seu bojo e ideia de produção, extrativismo, consumo, renda e lucro. Nesse contexto, nas últimas décadas, na América Latina surgiram propostas conceituais de mudanças que apresentam caminhos para uma transformação civilizatória. O *sumak kawsay*, o Bem Viver, é uma visão de mundo que se pauta pela força dos povos do Sul, os mesmos que foram marginalizados na História. Não implica numa proposta acadêmico-política, mas na possibilidade de aprender realidades, experiências, práticas e valores presentes em muitas partes nesse momento em meio à civilização capitalista. O Bem Viver pode ser percebido como uma dessas propostas alternativas ao conceito de desenvolvimento, estando orientada por princípios diferentes dos que propagam o capitalismo. Desse modo, esse conceito tem sido apropriado no universo das pesquisas acadêmicas ainda que essa não seja sua proposta inicial. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi identificar o que foi publicado sobre 'Bem Viver' por parte de pesquisadores brasileiros, no período de 2017 a 2019. Para tanto realizamos uma revisão de literatura, de cunho historiográfico, a partir de 8 periódicos, sendo 7 em língua portuguesa e 1 na língua inglesa. A metodologia se enquadra em revisão de literatura de cunho historiográfico. A pesquisa dos artigos foi realizada no período de março a maio de 2020, no Portal de Periódicos da CAPES. Selecionamos apenas os artigos que continham 'Bem Viver' no título na língua portuguesa, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros. Em linhas gerais podemos afirmar que 2017 foi um ano preponderante na apropriação da temática no Brasil.

Palavras-chave: Bem viver; Desenvolvimento; Transdisciplinaridade; Pesquisadores brasileiros.

The concept of Living Well on the research agenda in Brazil: a historiographic study in the period 2017 to 2019

Capitalist logic presupposes the commodification of life, nature, and concepts. So much so that the very concept of development and its different denominations: economic, human and sustainable, among others, shows this logic as a limit, since these movements of theorizations bring in their bulge and idea of production, extraction, consumption, income, and profit. In this context, in the last decades, in Latin America conceptual proposals for changes have emerged that present paths for a civilizing transformation. The *sumak kawsay*, the Living Well, is a world vision that is guided by the strength of the peoples of the South, the same ones that were marginalized in History. It does not imply an academic-political proposal, but the possibility of learning realities, experiences, practices, and present values in many parts of this moment in the capitalist civilization. Living Well can be perceived as one of those alternative proposals to the concept of development, being guided by principles different from those that propagate capitalism. Thus, this concept has been appropriate in the universe of academic research even though this is not its initial proposal. Therefore, the objective of this research was to identify what was published about 'Living Well' by Brazilian researchers in the period from 2017 to 2019. For this purpose, we conducted a literature review, historiographic in nature, from 8 journals, 7 of which in Portuguese and 1 in English. The methodology is part of a literature review of a historiographic nature. The research of the articles was carried out from March to May 2020, in the CAPES Journals Portal. We selected only those articles that contained 'Living Well' in the Portuguese language title, developed by Brazilian researchers. In general terms, we can affirm that 2017 was a preponderant year in the appropriation of the theme in Brazil.

Keywords: Living well; Development; Transdisciplinarity; Brazilian researchers.

Topic: **Desenvolvimento, Sustentabilidade e Meio Ambiente**

Received: **03/03/2021**

Approved: **26/03/2021**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Tayronne de Almeida Rodrigues 

Universidade Federal do Cariri, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8602100500602426>

<http://orcid.org/0000-0001-9378-1456>

tayronnealmeid@gmail.com

João Leandro Neto 

Universidade Federal do Cariri, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0489242460344918>

<http://orcid.org/0000-0003-1738-1164>

joaoleandro@gmail.com

Francisca Laudeci Martins Souza 

Universidade Federal do Cariri, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5986460776339289>

<http://orcid.org/0000-0003-4211-3233>

laudeci.martins@gmail.com



DOI: 10.6008/CBPC2179-6858.2021.003.0040

Referencing this:

RODRIGUES, T. A.; LEANDRO NETO, J.; SOUZA, F. L. M.. O conceito de Bem Viver na agenda da pesquisa no Brasil: um estudo historiográfico no período de 2017 a 2019. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais*, v.12, n.3, p.492-501, 2021. DOI:

<http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2021.003.0040>

INTRODUÇÃO

A existência humana, ainda, é orientada pela lógica capitalista, parametrizada pela acumulação e reprodução do capital, exigindo a mercantilização da vida e da natureza. O presente oferece perspectivas de mudança ou permanência social sem problematizar a sociedade de consumo. A qualificação ética da vida pela virtude se transveste de uma moralidade consumista, asséptica e problemática no aspecto ecológico-social-ambiental (SAMPAIO et al., 2018). Ao longo do tempo, a emergência para a preservação do meio ambiente foi mostrada ao homem, que deixou de lado a importância em se tratar do esgotamento dos recursos; em virtude disso, a crise ambiental aumenta e as classes sociais são alteradas, sendo explicado pela própria autodestruição do homem, quando passa a degradar o meio ambiente (SANTOS et al., 2017).

A América Latina, a partir da segunda metade do Século XX, reagiu ao desenvolvimento sob a ótica eurocêntrica, expressada nas lutas dos povos originários e dos povos africanos escravizados contra a colonização, dominação, escravidão e pelas lutas pelas independências e autonomia política dos países descolonizados. Nos últimos anos, houve o adensamento dessa crítica ao modelo Ocidental de desenvolvimento, principalmente por pensadores do Sul Global, que vem demonstrando a possibilidade de criação de formas alternativas ao desenvolvimento baseadas em saberes tradicionais locais (SILVA, 2018), destacamos para o presente trabalho o conceito de “Bem Viver”.

Por muito tempo, em nome de uma lógica racional, ocidental e europeia, à qual se atrela toda uma dinâmica materialista e mercadológica, a sabedoria indígena foi considerada como não saber, uma superstição. Devido à perda da terra e ao processo de assimilação indígena à cultura hegemônica, as comunidades se distanciam do “Bem Viver” como modo de vida (ROSA, 2019). Apesar da dominação e exploração de vários séculos, muitos povos indígenas conseguiram sobreviver e caminham com novos projetos para a construção de alternativas ao modelo dominante. O Bem Viver tem chamado atenção de muitos movimentos que buscam construir alternativas de vida. Se apresenta como um princípio de vida, a ser constantemente buscado e como um projeto de sociedade, de convivência entre todos (ROSA, 2019).

O Bem Viver pode ser percebido como uma proposta de desenvolvimento, onde as bases comunitárias estão orientadas por princípios diferentes dos que propagam o capitalismo, é uma ideia em construção, livre de preconceitos, que abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida. O Bem Viver está formalizado nas novas Constituições da Bolívia (2009) e do Equador (2008), e pode ser entendido como espaço para o debate político sobre as alternativas ao desenvolvimento (ACOSTA, 2016).

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi identificar o que foi publicado sobre “Bem Viver” por parte de pesquisadores brasileiros, no período de 2017 a 2019. Para tanto realizamos uma historiografia a partir de 8 periódicos, sendo 7 em língua portuguesa e 1 na língua inglesa. A metodologia se enquadra em revisão de literatura de cunho historiográfico. A pesquisa dos artigos foi realizada no período de março a maio de 2020, no Portal de Periódicos da CAPES. Selecionamos apenas os artigos que continham “Bem Viver” no título na língua portuguesa, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros. Percebe-se que a temática vem fomentando debates na academia brasileira, sendo tema em ascensão para pesquisadores. Utilizamos o

conceito de “Bem Viver” presente no livro “O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos” de Acosta (2016), onde define que o “Bem Viver” tem origem indígena e se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida, sendo um processo da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza.

REVISÃO TEÓRICA

Conceito de Bem Viver

Em 1949, o presidente dos Estados Unidos Harry Truman lançou o binômio “desenvolvimento” e “subdesenvolvimento”, compreendidos como descrição do estado de uma economia ou sociedade. O desenvolvimento foi constituído em ideias e discursos de um avanço linear, baseado em uma receita desenvolvida pelos países mais avançados, baseada em práticas sociais antropocêntricas, individualistas e consumidas, implicando na difusão do padrão de desenvolvimento Ocidental que se alastra em todas as esferas da vida social. Estudos demonstram a falência dessa promessa e pensadores do Sul Global¹ denunciam esse modelo como um dispositivo de poder organizador do mundo que confina os países periféricos à realização de um imaginário de desenvolvimento capitalista e colonial que pretende que os excluídos sigam uma rota definida pelo Norte para lograr uma inclusão em um modo de vida hegemônico (SANTOS, 2018).

De acordo com Santos (2018):

A América Latina sempre reagiu à imposição desse modelo de desenvolvimento. Essa reação se expressou nas lutas dos povos originários e dos povos africanos escravizados contra a colonização, dominação, escravidão e o seu desaparecimento da história, assim como nas lutas pelas independências e autonomia política dos países descolonizados. Sustentaram essas reações as lutas sociais, as produções teóricas da intelectualidade e da militância de esquerda, direitos e sistemas de justiça comunitários e episódicos governos progressistas.

Há múltiplas razões para se desfazer do “desenvolvimento” como algo positivo. É uma promessa enganosa para a grande maioria da população das regiões do Sul geopolítico, pois com a “cooperação ao desenvolvimento” se transfere muito mais recursos do Sul para o Norte do que vice-versa, sendo um bom negócio somente para as economias supostamente “doadoras”, não para as que deveriam receber. Os países “doadores” exportam tecnologia e especialistas, aos países pobres, gerando emprego para os seus habitantes e renda para a economia do seu próprio país (DILGER et al., 2016), o que gera um acesso ao consumo quase que ilimitado, combinado com uma carreira profissional individual autogerida, que oculta as dimensões de mal-estar que esse modo de vida gera, como a solidão, a angústia existencial, a depressão, a falta de convivencialidade, é comprovado que a partir de certo nível de vida não há correlação entre o crescimento do Produto Interno Bruto e a felicidade da população (DILGER et al., 2016).

Tal modo de vida é só possível devido as relações coloniais históricas e atuais, pois para sustenta-los as populações do Norte geopolítico e as elites dos países do Sul, procuram ter acesso a totalidade dos

¹ Sul global tem sido o modo de denominar o conjunto dos autores e das autoras que produzem teorias sociais de fora dos centros hegemônicos do pensamento, Europa e Estados.

recursos do planeta, tanto os bens naturais, quanto a mão de obra barata, simplificando, o luxo e a saturação de uns são construídos com base na espoliação de outros (DILGER et al., 2016).

Ainda de acordo com Dilger et al. (2016):

Os modos de organizar a sociedade e a economia, os modos de conceber o mundo e de estar nele, os conhecimentos e saberes de grande parte da população mundial foram desqualificados como pobres, atrasados, insuficientes, por uma única razão: existiam por fora do sistema capitalista. Essa é a meta do “desenvolvimento”: incluir territórios não totalmente permeados pelas lógicas e práticas capitalistas aos circuitos de acumulação de capital; transformar populações em consumidores, camponeses de subsistência em assalariados ou informais, bens naturais em commodities, propriedade coletiva em privada e vendável. Com um só objetivo: aumentar os fluxos de dinheiro e assim, o “crescimento econômico”, paradigma irmão do “desenvolvimento”.

A América Latina atravessa uma conjuntura especial no contexto global, onde houve um período de hegemonia progressista “foi essa conjuntura tão particular a nível global que constituiu a região a uma espécie de laboratório de alternativas” (DILGER et al., 2016). Com relação a isso destacamos o conceito de Bem Viver é uma ideia em construção, livre de preconceitos, devido sua proposta de harmonia com a natureza, reciprocidade, solidariedade entre indivíduos e comunidades e a oposição a acumulação perpétua, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida. O conceito tem sido referido como: filosofia de vida, cosmologia, atitudes de vida, ontologia, modelo de desenvolvimento e alternativa de desenvolvimento (ALCANTARA et al., 2017), onde questionam o padrão produtivista e consumista. No presente trabalho utilizamos o conceito de Bem Viver a partir das reflexões do político e economista Alberto Acosta, que parte da perspectiva de filosofia de vida.

A exclusão, sustentada pelo discurso de desenvolvimento, com raízes colônias, requer um discurso contra hegemônico que subverta o discurso dominante e suas práticas de dominação, com novas regras, lógicas de ação, cujo sucesso dependera da capacidade de pensar, propor, elaborar e indignar-se, questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar, é uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder (ACOSTA, 2016).

As visões andinas e amazônicas não são a única fonte inspiradora do Bem Viver, pois em diversos espaços no mundo há muito tempo têm se levantado diversas vozes que poderiam estar de alguma forma sintonizadas com essa visão, como os ecologistas, feministas, cooperativistas, marxistas e os humanistas. A concepção, equivocada, do crescimento baseado em inesgotáveis recursos naturais e em um mercado capaz de absorver tudo o que por produzido não tem conduzido e nem vai conduzir ao desenvolvimento, é inviável o estilo de vida dominante (ACOSTA, 2016).

Acosta (2016) afirma que:

O Bem Viver é uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador. Um projeto que, ao haver somado histórias de lutas, de resistência e de propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências locais, às que deverão somar-se contribuições provenientes de diversas latitudes, posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis.

Mobilizações e rebeliões populares, a partir dos mundos indígenas equatoriano e boliviano formam a base do *Buen Vivir*, no Equador, ou *Vivir Bien*, na Bolívia, que se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida, sendo um processo da matriz comunitária de povos que

vivem em harmonia com a Natureza (ACOSTA, 2016). O Bem Viver discute o tradicional conceito de desenvolvimento e seus sinônimos, introduzindo uma visão diversificada e complexa, além de criticar a própria ideia de desenvolvimento.

Para o Bem Viver, há uma identidade cultural resultante de uma relação profunda com o lugar onde se habita, no qual surgem modos de vida e expressões como arte, dança, música, entre outros, rompendo com a visão antropocêntrica, remetendo-se a uma visão ecocêntrica, regulando as relações sociedade-natureza, com o objetivo de diminuir os impactos sobre os recursos naturais (ALCANTARA et al., 2017).

O Bem Viver está relacionado à vivência em harmonia entre o homem e, tudo que o cerca. Não é uma maneira individualista de buscar o bem, mas o bem comum. O ser humano precisa identificar-se como parte do meio ambiente e, não como um sujeito que está acima dos demais seres vivos. O “homem” é apenas parte do todo. Logo, a busca por cuidados a toda forma de vida, assim como, a conformidade à solidariedade, a partilha, são instrumentos de intervenção para amenizar uma parcela dos desastres ambientais. (RODRIGUES et al., 2019)

Na matriz do próprio capitalismo, estão surgindo alternativas para superá-lo “Em seu seio existem muitas experiências e práticas do Bem Viver, entendido em termos amplos, que podem se transformar em germe de outra civilização” (ACOSTA, 2016). Acosta (2016) também afirma que “o crescimento material infinito poderá culminar em um suicídio coletivo”, devido a um maior reaquecimento da atmosfera e da deterioração da camada de ozônio, além da perda de fontes de água doce, erosão da biodiversidade agrícola e silvestre, a degradação de solos e o acelerado desaparecimento dos espaços de vida das populações tradicionais.

De acordo com Acosta (2016):

O Bem Viver deve ser considerado parte de uma longa busca de alternativas de vida forjadas no calor das lutas populares, particularmente dos povos e nacionalidades indígenas. São ideias surgidas de grupos tradicionalmente marginalizados, excluídos, explorados e até mesmo dizimados. São propostas invisibilizadas por muito tempo, que agora convidam a romper radicalmente com conceitos assumidos como indiscutíveis. Estas visões pós desenvolvimentistas superam as correntes heterodoxas, que na realidade miravam a “desenvolvimentos alternativos”, quando é cada vez mais necessário criar “alternativas de desenvolvimento”. É disso que se trata o Bem Viver.

O Bem Viver aposta numa construção de relações de produção, de intercâmbio e de cooperação que propiciem suficiência, sustentada na solidariedade. O centro das atenções não deve ser somente o humano, mas o ser humano vivendo em comunidade e em harmonia com a Natureza. Trata-se de opor-se a exploração da mão de obra e da defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização produtiva, causadores da destruição do planeta. Deve-se propiciar uma transformação radical das concepções e linguagens convencionais do desenvolvimento e do progresso, que nos foram impostos há mais de quinhentos anos (ACOSTA, 2016).

O Bem viver enquanto práticas de resistência ao colonialismo e às suas sequelas ainda é um modo de vida em várias comunidades indígenas que não foram totalmente absorvidas pela Modernidade capitalista ou que se mantiveram a margem dela. O Bem Viver é uma categoria em permanente construção e reprodução, constitui-se como uma categoria central da filosofia de vida das sociedades indígenas (ACOSTA, 2016). Ou seja, partindo desse pressuposto, o desenvolvimento convencional tem sido visto como uma

imposição cultural herdeira do saber ocidental/colonial. O Bem Viver é uma tarefa descolonizadora e para cumpri-la é necessário um processo de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e cultural (ACOSTA, 2016).

É uma proposta civilizatória que reconfigura um horizonte de superação ao capitalismo, o que não significa um retorno ao passado, tampouco uma negação a tecnologia ou ao saber moderno. Trata-se de construir uma vida em harmonia dos seres humanos consigo mesmos, com seus congêneres e com a Natureza, vivendo em comunidade (ACOSTA, 2016).

Seu ponto de partida são as diferentes formas de ver a vida e sua relação com a *Pacha Mama*, onde forja-se nos princípios de interculturalidade e vive nas práticas econômicas e solidárias. Por estar imerso na busca e na construção de alternativas pelos setores populares e marginalizados, terá de se construir a partir de baixo e a partir de dentro com lógicas democráticas de enraizamento comunitário. Os seres humanos não podem ser vistos como uma ameaça e a natureza não pode ser entendida apenas como uma massa de recursos a ser explorada (ACOSTA, 2016).

As discussões sobre o Bem Viver estimulam o debate a essa viabilidade do atual modo de produção e consumo, baseado na acumulação de bens materiais. Para o Bem Viver a riqueza não consiste a acumulação de bens, mas em conseguir um equilíbrio entre as necessidades da humanidade e os recursos disponíveis. A complexidade ambiental necessita uma reestruturação na forma como os valores humanos tem influído no conhecimento do mundo, na tentativa de equilibrar o aspecto racional e moral (ALCANTARA et al., 2017).

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura de cunho historiográfico realizada nos Periódicos da Capes, no período de 2017 a 2019. Os dados foram coletados no período de março a maio de 2020. A palavra-chave utilizada foi “Bem Viver” presente no título dos artigos. Foram critérios de exclusão: artigos publicados antes de 2017; os que se referiam a bem viver de outra perspectiva, que não a dos indígenas; artigos elaborados por pesquisadores não são brasileiros. Foram encontrados 28 artigos que continham “Bem Viver” no título, sendo que após a leitura dos títulos e resumos percebemos que alguns artigos não preenchiam os critérios deste estudo, sendo assim foram selecionados 8 artigos, publicados em 6 periódicos distintos.

Para desenvolver a base de dados, utilizamos o *Software Excel*. Elaboramos três planilhas a saber: (1) Ano de publicação dos artigos; (2) periódicos e número de publicações; (3) Áreas de Publicação. Para a identificação da área, ano de publicação e periódicos publicados e Qualis, efetuamos a leitura do resumo e da introdução, bem como das referências de cada artigo, além de pesquisas na Plataforma Sucupira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De 2017 a 2019, de acordo com o Periódico da Capes, foram publicados 1.370 artigos contendo a palavra “Bem Viver” no corpo do texto, destes 1.039 são em inglês, 675 em português, 535 em espanhol, 9 em alemão e 2 em francês, distribuídos nas mais diversas áreas, com destaque para Saúde, Gênero e

Educação. Em virtude da aplicação dos nossos critérios de inclusão foram pesquisados 8 artigos, sendo 7 em língua portuguesa e 1 em língua inglesa.

O período das publicações analisadas compreendeu os anos entre 2017 a 2019, sendo que o ano de maior incidência foi 2017, com 50 % das publicações. A revista com mais publicações sobre a temática foi a “Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade”, criada em 2015, como periódico quadrimestral multidisciplinar que abrange as áreas de Linguísticas, Letras, Artes, Humanidades e Ciências Sociais. Este periódico é o principal instrumento de divulgação científica do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura. Percebe-se que a temática “Bem Viver” vem chamando a atenção de pesquisadores brasileiros, que problematizam a possibilidade de sua apropriação para problematização das questões relacionadas aos povos originários.

Tabela 1: Ano de Publicação dos Artigos.

Ano de Publicação	N. de artigos publicados	%
2019	2	25
2018	2	25
2017	4	50
TOTAL	8	100

Os artigos abordam que o Bem Viver é mais do que condição material, socioeducacional e de saúde, é estado de felicidade, no qual vigoram padrões culturais distintos. Destacam que não pode ficar relegado a conquistas de outras gerações ou ainda a um modo de vida “cool”, desresponsabilizado e descontextualizado em relação a gerações futuras. Alguns também fazem uma reflexão da possibilidade de reconfigurar cidades brasileiras a partir do Bem Viver, sendo uma discussão urgente, pois o processo de fundação das primeiras cidades brasileiras é marcado por invasões e espoliações das populações locais, o que trouxe consequências as configurações de muitas cidades atuais, que reproduzem os modelos de vida dominantes, coloniais, modernos e capitalistas.

Também fazem uma relação do Bem Viver com a Agroecologia, através de estudos de casos em cidades brasileiras, em especial na região semiárida do estado da Bahia, onde identificaram que as comunidades estudadas tinham um conhecimento vasto sobre a melhoria dos sistemas produtivos, a conservação ambiental dos recursos naturais e a valorização da sociobiodiversidade a partir do resgate de sementes crioulas, porém, ao mesmo tempo, o modo de viver dessas comunidades é prejudicado devido à falta de pastos para alimentar os animais, a falta de água para a irrigação (SANTOS et al., 2017), sendo consequência da degradação ambiental e das mudanças climáticas, o que evidencia que há uma necessidade de mudança de paradigma com relação ao mundo capitalista. A maioria dos artigos vem nesse sentido, explanando sobre a origem do conceito, a partir de sociedades indígenas e evidenciando que há uma necessidade urgente de mudança de estilo de vida, haja vista a finitude dos recursos naturais.

Tabela 2: Periódicos e números de publicações.

Periódicos	N. de artigos	%
Desenvolvimento e Meio Ambiente	1	12,5
Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade	3	37,5
Revista Rupturas	1	12,5
Saúde e Sociedade	1	12,5

Motricidades	1	12,5
Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1	12,5
Total	8	100

A maioria dos artigos, ou seja, 62,5% aborda a metodologia de revisão bibliográfica pautando-se em autores como Alberto Acosta, Walter Mignolo, Jackson de Alencar, Enrique Dussel, Antonio Jacó Brand, entre outros. Cerca de 25 % faz uma pesquisa bibliográfica-exploratória com revisão de literatura, pesquisa de campo e análise comparativa, e 12,5 % partem de uma análise fenomenológica e hermenêutica, pois, na medida em que a manifestação da sabedoria indígena teve a prioridade e foi o pano de fundo da discussão.

De acordo com Acosta (2016), para falar sobre o Bem Viver é necessário recorrer as experiências, as visões e as propostas de povos de fora e dentro do mundo andino e amazônico, aqueles que se empenham em viver em harmonia com a Natureza, donos de uma história longa e profunda, ainda desconhecida e marginalizada. Os artigos partem desse pressuposto, preocupando-se em explicar o conceito com base na tradição dos povos indígenas, ressaltando a marginalização desses povos e de suas concepções de vida e de relacionamento com o Meio Ambiente e destacando a necessidade de mudança de paradigma, para que haja a possibilidade de uma melhor qualidade de vida das pessoas e do planeta.

Tabela 3: Revistas, Áreas de Atuação e Qualis.

Revistas	Áreas	Qualis
Desenvolvimento e Meio Ambiente	Ciências Ambientais	B1
	Filosofia	B1
	Planejamento urbano e regional/Demografia	B1
Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade	Ciência Política e Relações Internacionais	B5
	Ciências Agrárias I	B5
	Educação	C
	História	C
	Interdisciplinar	B4
Revista Rupturas Saúde e Sociedade	-	-
	Biodiversidade	B4
	Ciências Agrárias I	B2
	Ciências Ambientais	A2
	Economia	B2
	Interdisciplinar	B1
	Serviço Social	B1
Motricidades	-	-
Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Educação	A2

Com relação a revista Motricidades e a Revista Rupturas não foram encontradas informações na Plataforma Sucupira, onde realizamos a pesquisa, sobre as áreas e o Qualis das revistas. A Revista Rupturas é uma publicação indexada, editada semestralmente a partir do Centro de Pesquisa em Cultura e Desenvolvimento (CICDE) do Escritório do Vice-Presidente de Pesquisa da Universidade Estadual a Distância (UNED), da Costa Rica. A Revista Motricidades é editada pela Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, com sede na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e tem como objetivo divulgar artigos de pesquisa, artigos de revisão e ensaios inéditos com metodologias qualitativas, na área de Educação, em suas interfaces como Artes, Educação Física, Lazer, Meio Ambiente Motricidade Humana e Saúde.

Apesar dos artigos partirem do pressuposto da cosmologia indígena eles são das mais diferentes áreas, como Educação, Ciências Ambientais, Filosofia, História, Planejamento Urbano e Regional, Ciência

Agrária, Ciência Política, Biodiversidade, Economia, Serviço Social. No nosso entender isso demonstra que a preocupação com a concepção de “Bem Viver” e com o uso desenfreado dos recursos naturais não é somente uma preocupação das Ciências que envolvem a Terra, mas das mais variadas áreas, que alertam para a impossibilidade de continuarmos nessa concepção capitalista que vê a natureza somente como um meio de conseguir recursos para gerar mais capital. O estilo de vida hoje pautado no consumo excessivo de bens não é viável e perpetua a desigualdade social.

O tema Bem Viver independentemente da sua etimologia possui um debate recente e crescente, que se acentuou nos últimos anos. A temática não faz referência ao paradigma desenvolvimentista fundamentado na acumulação de riqueza, crescimento econômico, produção e consumo exacerbado. As pesquisas demonstraram que as áreas de avaliação relacionadas com o Bem Viver são multidisciplinares, ou seja, o tema é transdisciplinar. Mais do que uma condição material, socioeducacional ou de saúde, Bem Viver é um estado de felicidade onde vigoram padrões culturais diferentes. Na área da saúde o tema é discutido com um significado relacionado a qualidade de vida já as outras áreas relacionam o tema ao respeito à vida (ALCANTARA et al., 2017).

CONCLUSÕES

O conceito de Bem Viver, integra um debate recente e crescente por parte dos pesquisadores brasileiros, que vem se acentuando nos últimos anos. Por meio da leitura dos periódicos, identificamos que o tema não faz referência ao paradigma desenvolvimentista, pautado na acumulação de riqueza, crescimento econômico, produção e consumo ilimitado, mas como processos de resistência das comunidades indígenas, frente aos conflitos socioambientais, culturais e econômicos resultantes da lógica produtivista dominante. O Bem Viver é mais do que uma condição material, socioeducacional ou de saúde, é um estado de felicidade, onde vigoram padrões culturais distintos.

O Bem Viver possibilita pensar em locais onde os homens vivam em harmonia em sociedade e com a natureza. A publicação de um artigo de pesquisadores brasileiros em um periódico da Costa Rica demonstra que os brasileiros vêm conquistando espaço nas pesquisas na América Latina sobre a temática. Com a análise dos artigos percebemos um possível esgotamento do conceito de desenvolvimento como uma possibilidade viável na construção de visões distintas de desenvolvimento.

Apesar de Acosta (2016) acreditar ser inviável estabelecer o Bem Viver no sistema capitalista, aponta para a necessidade de criação de alternativas que permitam a aplicação gradual do Bem Viver e da modificação do sistema que visa somente o esgotamento e a rivalidade. As discussões sobre o Bem Viver demonstram a inviabilidade de se continuar reverenciando o atual modo de produção e consumo, baseado na acumulação de bens materiais. Para o Bem Viver a riqueza não consiste a acumulação de bens, mas em conseguir um equilíbrio entre as necessidades da humanidade e os recursos disponíveis.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, L.; GRIMM, I. A.. Ecosocioeconomia e o Bem Viver na perspectiva do Urbano. **RELACult**, v.3, n.2, p.121-

144, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v3i2.450>

ALCANTARA, L.; SAMPAIO, C.. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?.

Desenvolvimento e Meio Ambiente: Curitiba, v.40, p.231-251, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v40i0.48566>

ACOSTA, A.. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J.. **Descolonizar o imaginário**: Debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

RODRIGUES, M. G.; COSTA, F. J. P.. Sustainable development Growth, Environment and Preservation in the Context of Globalization. **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.10, n.6, p.251-259, 2019. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2019.006.0022>

RODRIGUES, T. A.; LEANDRO NETO, J.; SILVA, F. M. S.. A contribuição do Projeto Solari para a educação da juventude campestre no Município de Assaré CE. **Rev. Mult. Psic.**, v.13, n.45, p.302-317, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v13i45.1806>

ROSA, L. D.. Bem viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de decolonialidade. **Educação**, Porto Alegre, v.42, n.2, p.298-307, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2019.2.27652>

SAMPAIO, C.; PARKS, C.; MANTOVANELLI JUNIOR, O.; QUINLAN, R.; ALCANTARA, L.. Bem Viver e ecossocioeconomias: uma síntese. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**: Curitiba, v.47, p. 121-128, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v47i0.62431>

SANTOS, L.; LOURENÇO, F.; GRIMM, I.; QUEIROZ, I.; SILVA, N.; CANGIHLIERI JUNIOR, O.. Agroecologia: saberes e práticas locais como componentes do Bem Viver. **RELACult**, v.3 p.1-22, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v3i3.578>

SANTOS, M.. O constitucionalismo pluralista do Bem Viver: a reação latino-americana ao paradoxo do desenvolvimento. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.12, n.1, p.125-153, 2018. DOI: <http://doi.org/10.21057/10.21057/repamv12n1.2018.27730>

SILVA, C. E.. **Elaboração de TCC e publicação de artigos**: for starters. Aracaju: Sustenere Publishing, 2018.

A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detém os direitos materiais desta publicação. Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas sob coordenação da Sustenere Publishing, da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.